

## *A Redução Variável dos Ditongos Nasais Átonos no Português do Sul do Brasil*

*Elisa Battisti\**

---

*ABSTRACT: As in other varieties of Brazilian Portuguese, atonic nasal diphthongs are denasalized variably by Brazilians who live in the southern region of the country. Linguistic and social groups of factors determine the denasalization. The role of a following vowel can be explained by the combination of syllables in the sentence.*

*RESUMO: Como em outras variedades do português brasileiro, ditongos nasais átonos (órfã<sup>o</sup>, homem) reduzem-se variavelmente na fala do sul do Brasil, por influência de grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos. Dentre estes está o contexto vocálico seguinte, cujo papel pode ser explicado pela combinação de sílabas átonas na frase.*

*Key words: phonological variation; nasal atonic diphthongs.*

*Palavras-chave: variação fonológica; ditongos nasais átonos.*

### **Introdução**

A pesquisa *A redução dos ditongos nasais átonos no português do sul do Brasil* é uma das investigações que integra o Projeto de Fonologia, um componente do Projeto VARSUL - Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil (UFRGS, UFSC, UFPR, PUCRS) -, que visa à descrição e análise fonológica dos dados armazenados naquele Banco.

---

\* Universidade de Caxias do Sul

O estudo diz respeito à nasalidade, que em português manifesta-se nos seguintes contextos:

- vogal seguida de nasal na mesma sílaba (*lan.ça*, *le.n.da*) em interior de vocábulo, originando o que se convencionou chamar 'vogal nasal' pelo seu valor contrastivo;
- vogal seguida de nasal na sílaba seguinte (*la.ma*, *le.ma*), em que a nasalidade apresentada pela vogal é alofônica, e a denominação destinada a tal segmento é 'vogal nasalizada';
- vogal seguida de nasal em final de vocábulo, dando origem ao que tradicionalmente é chamado de 'ditongo nasal' - tônico (*jargão*, *lerão*) ou átono (*órgão*, *leram*) - e 'monotongo nasal' - tônico (*tem*, *também*) ou átono (*jovem*). Exceto aqueles terminados em -aN (Cagliari 1977), todos os monotongos nasais podem ser ditongados.

Tanto ditongos nasais, quanto monotongos que sofrem ditongação são passíveis de **redução** quando átonos: uma única vogal, sem qualquer resquício de nasalidade, pode realizar-se em superfície:

<i>órgão</i> > <i>órgu</i>	<i>homem</i> > <i>homi</i>
<i>bênção</i> > <i>bênçu</i>	<i>nylon</i> > <i>nylu</i>

Trata-se de um fenômeno variável que, no português do Brasil, verifica-se nos falares de diferentes regiões e é bastante geral, promovido por falantes de perfis sócio-econômicos e culturais distintos. O tema desta investigação é, justamente, a redução dos ditongos nasais átonos - que Votre (1978) e Guy (1981) chamaram de perda da nasal final e desnasalização, respectivamente.

Além de contribuir para a descrição do português brasileiro, oferecendo subsídios para a elaboração de propostas de ensino relacionadas ao processo de aprendizagem da escrita, são objetivos desta pesquisa (a) descrever os aspectos lingüísticos e extralingüísticos envolvidos no processo de redução dos ditongos nasais átonos na fala do Sul do Brasil; (b) discutir os resultados da análise com base em princípios fonológicos gerais e de língua particular.

## 1. Revisão da literatura

Dos estudos fonológicos sobre a nasalização no português brasileiro, os que remontam ao período estruturalista (Câmara Jr. 1953, 1977, 1984; Morais-Barbosa 1962) e ao período da gerativa clássica (Mateus 1975; Saciuk 1970; Lopez 1979) não tratam a redução dos ditongos nasais átonos. A alusão a tal fenômeno começa a ser feita a partir da década de oitenta, mas não de forma exaustiva. Tláskal (1980) é responsável por um dos estudos defendendo uma subjacência monofonêmica ( $\bar{V}$ ) para as vogais e ditongos nasais do português. O autor utiliza a redução dos ditongos nasais átonos apenas como argumento para a existência de vogal única na base, afirmando ser tal processo categórico na modalidade falada no Brasil, quando, como já foi afirmado, a redução é variável.

Parkinson (1983) também aborda a redução ao discutir a origem de vogais e ditongos nasais na língua portuguesa, que ele afirma ser a bifonêmica  $v \bar{v}$ . Como Tláskal (1980), Parkinson (1983) menciona a redução somente como argumento para a tese que defende: a monotongação e desnasalização de ditongos nasais átonos (*omẽ* > *omi*) é mais bem representada se compreendida como o apagamento do segundo elemento vocálico, portador da nasalidade.

Bisol (1989) explica que vocábulos como *ontem*, *homem* não apresentam marcador de classe no léxico, o que implica a não-atribuição de vogal temática durante a derivação. O ditongo que surge resulta do próprio processo assimilatório que espalha a nasalidade da consoante na coda da sílaba. Nesse caso, o ditongo que surge é derivado, sendo, assim, passível de sofrer monotongação. Implícita na proposta da autora está a relação entre redução e atonicidade da sílaba em questão.

Wetzels (1997) rediscute a forma subjacente de vogais e ditongos nasais em português, derivando-os de uma seqüência bimoraica de base, a segunda mora sendo consonantal para as vogais nasais, e vocálica, para os ditongos nasais. Novamente a alternância vogal nasal :: vogal oral figura na análise como um argumento sustentando tese, e a observação feita por Wetzels (op.cit.) não difere muito do que Parkinson (1983) propôs: é o

apagamento da segunda mora o que faz com que uma vogal oral simples se realize. Como nos trabalhos anteriores, a atonicidade dos ditongos nasais que se reduzem não é relacionada diretamente ao fenômeno.

Battisti (1997), diferentemente dos estudos anteriores, considera a redução dos ditongos nasais átonos como resultado de condicionamento prosódico: a atonicidade da sílaba é o que desencadeia a realização variável de vogal simples. A autora concebe a seqüência vN como base de ditongos e vogais nasais e, utilizando o modelo da Teoria da Otimidade, explica a redução como uma forma de obter troqueus de melhor qualidade, com sílaba leve em posição fraca (átona) do pé. O trabalho de Battisti (op.cit.), no entanto, por não constituir estudo sociolinguístico, não trata de possíveis condicionamentos extralinguísticos ao fenômeno, que certamente devem desempenhar algum papel. A pesquisa que aqui está sendo relatada visa a preencher essa lacuna.

Dos estudos variacionistas realizados nos últimos trinta anos, merecem destaque, no que se refere à redução dos ditongos nasais átonos, os de Votre (1978) e Guy (1981).

Votre (1978) analisou dados da fala de treze informantes residentes no Rio de Janeiro: nove alfabetizando do MOBRAF - Movimento Brasileiro de Alfabetização -, três universitários e um estudante do segundo grau. O autor opôs, binariamente, formas que não retêm nenhum tipo de nasalidade final (orais) a formas que retêm algum tipo de nasalidade final, para formular a regra variável de preservação da nasal final no falar carioca.

A análise revelou que as variáveis linguísticas preponderaram sobre as extralinguísticas no condicionamento do fenômeno. A qualidade do contexto fonológico precedente e seguinte é, dentre as variáveis linguísticas, a mais importante: as consoantes precedentes [-alto, +retraído, -nasal] são as que mais preservam a nasal; no contexto fonológico seguinte, consoantes, mais que pausa e que vogais, determinam a manutenção da nasal. Quanto à qualidade da vogal simultânea, Votre (op.cit.) verificou que vogais [-alto] preservam a nasal em maior medida que as vogais [+alto]. O controle da classe morfológica revelou

que, em substantivos, mais que em formas verbais no pretérito, advérbios e formas verbais em não-pretérito, a preservação é maior. Em relação à tonicidade, as sílabas tônicas apresentaram-se como garantia absoluta de manutenção da nasal; em monossílabos, por essa razão, a preservação foi maior que em dissílabos e polissílabos.

No que tange às variáveis extralinguísticas, o estudo de Votre (op.cit.) mostrou que a idade do informante é relevante para o fenômeno de preservação da nasal final no falar carioca: jovens eliminam mais a nasal que velhos. Quanto ao grau de escolaridade, o autor pôde verificar que os estudantes universitários preservam mais a nasal que os alfabetizando.

Os resultados obtidos por Votre (op.cit.) permitiram-lhe concluir que o apagamento da nasal final é um fenômeno moderado de variação em mudança. Para o autor, tal supressão vem se estendendo gradualmente a todas as categorias incluídas em cada uma das variáveis linguísticas controladas. No que se refere à dimensão do vocábulo, por exemplo, Votre (op.cit., p.188) afirma que

*"Os vocábulos polissílabos devem ter sido os primeiros atingidos pela tendência à simplificação da estrutura silábica, seguidos pelos dissílabos e monossílabos, que são os mais resistentes à mudança."*

Um aspecto não explorado de modo explícito pelo autor, mas apontado pela própria análise que fez, foi o fato de a sílaba final, quando tônica, nunca sofrer redução. Ou seja, ser átona é uma espécie de condição que a sílaba final precisa apresentar para que nela ocorra a redução. Essa consideração sugere que, num outro estudo, a atonicidade da sílaba final deva corresponder a um elemento delimitador do fenômeno em questão, e não a uma variável a ser controlada na análise.

O estudo de Guy (1981) confirma o caráter tônico da sílaba final como inibidor da desnasalização. O autor analisou a fala de vinte cariocas, nove mulheres e onze homens, com idades entre quinze e cinquenta e quatro anos, todos alfabetizando

dos do MOBREAL. Ele afirma que "sílabas acentuadas[...] não sofrem desnasalização"(Guy op.cit., p.329).

Outro aspecto revelado pela pesquisa de Votre (1978), e confirmado por Guy (1981), é o fato de consoantes nasais adjacentes, no contexto precedente ou seguinte, inibirem a desnasalização. Já consoantes velares e palatais precedentes favorecem o processo.

As variáveis sociais controladas por Guy (op.cit.) foram Estilo de Discurso, Sexo e Idade do falante. Das três, somente Sexo mostrou-se significativa para o fenômeno: os homens desnasalizam mais que as mulheres. O autor afirma:

*"Talvez a melhor forma de caracterizar essa distribuição fosse dizer que a retenção da nasalidade em vogais átonas finais seja decididamente uma característica feminina, uma vez que as mulheres usam proporcionalmente quase 60% mais formas nasalizadas que os homens."*

(Guy op.cit., p.233-234)

O estudo de Guy (op.cit.), diferentemente do de Votre (1978), nada revela sobre o efeito que o grau de escolaridade pode ter sobre o fenômeno de desnasalização, uma vez que, como vimos, sua amostra constitui-se apenas de alfabetizando. Se admitirmos que o ensino da norma culta nas escolas pode modificar o padrão de fala dos indivíduos, e que a norma preconiza a manutenção das consoantes finais, o grau de escolaridade não pode deixar de ser controlado num estudo sobre o apagamento (variável) das nasais finais.

## 2 Metodologia

### 2.1. Método

Como a maioria dos estudos lingüísticos sobre fenômenos variáveis, o método empregado neste trabalho foi o da Teoria da Variação (Labov 1972; Cedergren & Sankoff 1974). Com o objetivo de analisar a variação lingüística, esse método tem base estatística e permite, pela utilização de programas computacionais - o Pacote VARBRUL (cf. Scherre et alii 1992) - o

tratamento de grandes conjuntos de dados de fala, como é o desta pesquisa.

### 2.2. Informantes

O banco de dados do Projeto VARSUL, que forneceu os dados para esta pesquisa, reúne entrevistas de 288 falantes de português, monolíngües, nascidos no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Todos possuem mais de vinte e cinco anos de idade e não têm curso superior. Desses informantes, foi selecionado o número que contemplasse uma amostra aleatória estratificada. Conforme Oliveira e Silva (1992, p.104), "divide-se a população em células ("casas", "estratos") compostas, cada uma, de indivíduos com as mesmas características sociais, procedendo-se posteriormente, para preencher cada casa, a uma seleção aleatória." Assim, como as variáveis sociais ou extralingüísticas foram, nesta pesquisa, Localização Geográfica, Escolaridade e Sexo (ver seção 2.3), o cálculo do número de informantes resultou da seguinte multiplicação:

$$3 \text{ (estados)} \times 3 \text{ (graus de escol.)} \times 2 \text{ (sexos)} \times 5 = 90$$

O número 5, presente na multiplicação, corresponde ao número ideal de falantes em cada célula (Labov 1981, apud Oliveira e Silva 1992). Assim, o número de informantes, selecionados do Banco de Dados VARSUL para esta pesquisa, foi o de noventa (90), trinta (30) de cada estado sulino, distribuídos como segue:

- (a) Rio Grande do Sul :      dezoito da capital (Porto Alegre)  
   doze do interior (seis de Flores da  
   Cunha, seis de São Borja)
- (b) Santa Catarina:      dezoito da capital (Florianópolis)  
   doze do interior (seis de Lages, seis de  
   Chapecó)
- (c) Paraná:              dezoito da capital (Curitiba)  
   doze do interior (seis de Irati, seis de Londrina)

### 2.3. Levantamento e codificação dos dados

Foram cinco mil, seiscentas e quarenta e nove (5.649) as ocorrências de ditongo nasal átono encontradas após a audição das 90 entrevistas. A codificação das mesmas deu-se de acordo com sete variáveis, correspondentes aos seguintes grupos de fatores:

Variáveis extralingüísticas	Variáveis lingüísticas
Localização geográfica Rio Grande do Sul Santa Catarina Paraná	Classe de palavra Verbo Substantivo Adjetivo Advérbio Nomes em -gem
Escolaridade 0 - 4 anos 5 - 8 anos 9 - 12 anos	Tipo de vogal do ditongo O E A
Sexo Homem Mulher	Contexto fonológico anterior Consoante nasal Consoante não-nasal
	Contexto fonológico seguinte (no início da palavra seguinte) Consoante nasal Consoante não-nasal Vogal Pausa

### 2.4. Análise computacional dos dados

Submetidos os dados a uma primeira rodada do pacote de programas VARBRUL, apenas a variável *Contexto Fonológico Precedente*, ou Tipo de Segmento no Onset, não foi selecionada. Talvez isso se deva à circunstância de os fatores Consoante Nasal e Consoante Não-Nasal terem agrupado segmentos indistintamente quanto a traço ou ponto de articulação. Para a segunda rodada, então, essa variável foi eliminada, mas com a perspectiva de, em uma etapa posterior da pesquisa, ser retomada através da diferenciação entre as consoantes verificadas em cada ocorrência.

Os outros grupos de fatores foram todos selecionados na primeira rodada, na seguinte ordem: Localização Geográfica, Classe de Palavra, Contexto Fonológico Seguinte, Tipo de Vogal do Ditongo, Escolaridade, Sexo.

Surpreendente foi o comportamento da variável *Tipo de Vogal do Ditongo*. Selecionada nessa primeira rodada, apresentou valores que sugeriram agrupamento de fatores. Na tentativa de obter valores mais significativos, optou-se por amalgamar as vogais E e O, com base, simplesmente, na distinção fonética vogais médias-vogal baixa que se criaria. A variável acabou não sendo selecionada pelo programa na segunda rodada e foi eliminada para a rodada seguinte.

Ainda na primeira rodada, a variável *Escolaridade* não apresentou valores para peso relativo em distribuição significativa. Decidiu-se agrupar os fatores *0 a 4 anos de escolaridade* e *5 a 8 anos de escolaridade*, criando-se uma polarização do tipo 1º grau e 2º grau. Como veremos, os pesos relativos apresentaram-se ainda ao redor do ponto neutro, mas a variável foi selecionada pelo programa.

## 3 Resultados da análise computacional

### 3.1. Variáveis extralingüísticas

A Tabela 1 traz os resultados da variável *Escolaridade*:

Tabela 1 - Escolaridade

FATOR	APLICAÇÃO/TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PESO RELATIVO
0 - 8 anos	1772/3827 = 46%	.52
9 - 12 anos	677/1776 = 38%	.45

Input: .44

Significância: .007

Embora os resultados estejam em torno do ponto neutro, o contraste entre os pesos relativos obtidos mostra que uma menor escolarização dos sujeitos condiciona favoravelmente a aplicação da regra de redução dos ditongos nasais átonos. Pa-

rece, pois, que uma escala da menor para a maior escolarização coopera para a manutenção da nasal.

Na Tabela 2 estão os resultados para outra variável extralingüística selecionada, *Sexo*, que também apresentou pesos relativos em torno de .50 :

Tabela 2 - Sexo

FATOR	APLICAÇÃO/TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PESO RELATIVO
Mulher	1231/2952=42%	.48
Homem	1223/2697=45%	.52

Input: .44 Significância: .007

Mesmo ao redor do ponto neutro, os valores obtidos para a variável *Sexo* são significativos pelo seu contraste: .52 para o fator Homem, contra .48 para o fator Mulheres, permitindo afirmar que os homens aplicam mais a regra de redução que as mulheres.

A terceira variável extralingüística considerada na análise - *Localização geográfica* - mostrou significativos índices em todas as rodadas, sendo selecionada em primeiro lugar. A Tabela 3 mostra os resultados obtidos:

Tabela 3 - Localização Geográfica

FATOR	APLICAÇÃO/TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PESO RELATIVO
Rio Grande do Sul	744/1892=39%	.46
Santa Catarina	1173/1925=61%	.68
Paraná	537/1832=29%	.34

Input: .44 Significância: .007

Os pesos relativos mostram que, dos três fatores, Santa Catarina exerce condicionamento positivo na aplicação da regra de redução dos ditongos nasais átonos, ao contrário do Paraná, que desfavorece a redução. A análise revela que, no sul do Brasil, a desnasalização em sílaba átona final está difundida em

Santa Catarina, mas não no Paraná, e que o Rio Grande do Sul ocupa posição intermediária nessa escala.

### 3.2. Variáveis lingüísticas

*Classe de Palavra* está em segundo lugar entre as variáveis selecionadas, com os resultados constantes na Tabela 4:

Tabela 4 - Classe de Palavra

FATOR	APLICAÇÃO/TOTAL DE OCORRÊNCIAS	PESO RELATIVO
Verbo	2095/5060=41%	.47
Substantivo	148/266=56%	.64
Advérbio	36/45=80%	.87
Nomes em -gem	164/238=69%	.79
Adjetivo	11/40=27%	.41

Input: .43 Significância: .009

O fator Advérbio apresenta o maior valor para peso relativo, .87. Antes de atribuir-lhe papel de condicionador da redução, foi preciso relativizá-lo, pois o único advérbio na amostra foi *ontem* (ou *anteontem*) em todas as quarenta e cinco ocorrências. Seria variação em uma única palavra? Talvez, mas uma investigação mais aprofundada necessitaria ser feita. Essa foi a razão de o fator Advérbio ter sido eliminado para uma rodada seguinte.

O fator Nomes em -agem tem o segundo maior peso relativo, .79, o que já se esperava para vocábulos com aquela terminação, por isso seu tratamento em separado do fator Substantivo. Este também mostra-se favorecedor da redução, com .64. O fator Adjetivo, ao contrário, inibe a aplicação da regra, com .41. Devido ao reduzido número de dados desse fator - apenas quarenta ocorrências foram verificadas - decidiu-se por sua amalgamação ao fator Substantivo, criando-se um novo fator, Nomes, e estabelecendo-se oposição com Verbo e paralelismo com Nomes em -gem. Os resultados estão na Tabela 5:



mantes mostrou maior favorecimento à regra de redução. Isso deve estar relacionado ao maior contato com a norma culta, e sua associação com prestígio, que a escola objetiva alcançar.

O comportamento da variável *Localização Geográfica*, que apresentou resultados distintos para os três estados, e em escala de maior à menor aplicação da regra em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná, permite conceber a região sul do Brasil como o conjunto de três grandes comunidades lingüísticas, circunscritas aos limites geográficos de cada estado. Nesses, a observação - intuitiva, é verdade - de peculiaridades da fala mostra o catarinense como o sujeito que produz sílabas finais de vogais facilmente neutralizáveis, em oposição ao paranaense, cuja fala apresenta vocábulos em que vogais (e consoantes) em sílabas átonas finais são produzidas clara e completamente. Um cruzamento dos resultados de desnasalização com outros referentes à neutralização vocálica ou apagamentos em sílabas átonas finais poderia ser esclarecedor.

O fato de nomes, mais que verbos, serem a classe de palavra a que a regra de redução dos ditongos nasais átonos mais se aplica pode ter relação com a função gramatical que possui a sílaba em que se encontra o ditongo. Nos verbos, corresponde a sufixos flexionais<sup>2</sup> de modo, tempo, número e pessoa, importantes para o estabelecimento de relações de concordância e, por conseqüência, para a compreensão dos enunciados. Já a sílaba final dos nomes não porta essa carga, o que talvez contribua para que a redução ocorra, uma vez que distinções de sentido não se perderiam nesse contexto.

Associado à prosódia pode estar o fato de vogal, no contexto fonológico seguinte, e não consoante, favorecer a redução. Um exame dos dados mostrou que uma ocorrência como *eles moru aqui* é típico contexto de aplicação da regra em nossa amostra. Seria a qualidade da vogal a responsável pela redução? Talvez, já que em geral é /a/ essa vogal, mas acreditamos que mais relevante é a atonicidade das sílabas em ques-

tão, final, do vocábulo anterior, inicial, do seguinte. Bisol (1996) afirma que, por uma questão de sensibilidade métrica na frase, a combinação de uma sílaba átona final com uma átona pre-tônica resulta no apagamento da primeira pela sua condição mais fraca, o que "parece ser um universal nas regras de apagamento" (op.cit., p.163). Não é o apagamento dos segmentos o que ocorre, mas da unidade abstrata mais profunda ( $\sigma$ ), projetada pelo pico silábico, justamente pelo encontro de duas delas em fronteira vocabular. Há, daí, desassociação de elementos, que podem ter diferentes destinos, dependendo de sua qualidade. Se sílaba final e inicial de vocábulos em contato na frase terminarem e iniciarem por vogal, respectivamente, há choque de picos silábicos, resolvido por reassociação dos elementos na sílaba seguinte - ditongação -, ou, se não associados, apagamento - elisão. São exemplos, adaptados da autora:

#### Ditongação

$\sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma$   
 $\uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow \quad | \quad \uparrow \quad \uparrow$   
 ka mi za u za da  
 choque de  
 picos silábicos

$\sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma$   
 $\uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow$   
 ka mi zaw za da

#### Elisão

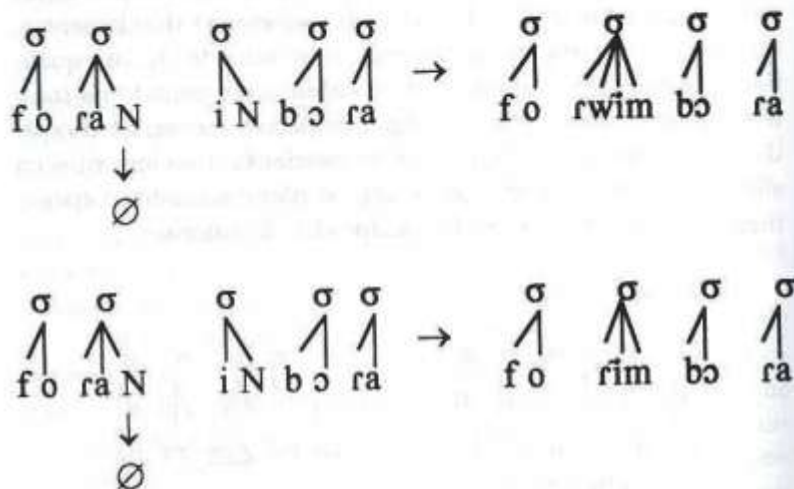
$\sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma$   
 $\uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow \quad | \quad \uparrow \quad \uparrow$   
 ka mi za u za da  
 choque de  
 picos silábicos

$\sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma \quad \sigma$   
 $\uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow \quad \uparrow$   
 ka mi zu za da

<sup>2</sup> Ocorrências como *eles fula*, em que a marcação de pluralidade é desempenhada pelo pronome-sujeito, foram desconsideradas; *eles fulu* e *eles fularu*, por exemplo, é que fazem parte da amostra.



O encontro, na frase, de ditongos nasais átonos com uma palavra seguinte iniciada por vogal átona acarreta redução, o que resulta numa seqüência de picos silábicos em choque. Em nossos dados, esse choque é resolvido tanto por *ditongação*, quanto por *elisão*:



Talvez estejam atuando, em conjunto, restrições lingüísticas de acento, silabação e fidelidade que determinam a eliminação da nasal de base<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, na frase, a vogal do primeiro pico pode passar a glide quando incorporada à sílaba seguinte, ou ser apagada na formação da nova sílaba.

<sup>3</sup> Nossa hipótese é a de que tanto vogais quanto ditongos nasais correspondem a uma seqüência vN no input.

## CONCLUSÃO

A análise variacionista mostrou que a redução dos ditongos nasais átonos ocorre na fala do sul do Brasil, moderadamente no Rio Grande do Sul, com baixa intensidade no Paraná e em maior grau em Santa Catarina. Ela resulta da atuação conjunta de variáveis lingüísticas e extralingüísticas, entre elas *Classe de Palavra*, *Contexto Fonológico Seguinte*, *Localização Geográfica*, *Sexo* e *Escolaridade*. Os resultados dessa última sugerem complementar a amostra com dados de falantes de grau superior de escolaridade, o que será feito em etapa subsequente da investigação, uma vez que o Banco VARSUL está colocando material daquele tipo à disposição dos pesquisadores. Como vimos, deverão ser retomadas, ainda, as variáveis *Contexto Fonológico Precedente* e *Classe de Palavra*.

Surpreendentemente, *Vogal* é o contexto fonológico seguinte que se mostra favorecedor da redução dos ditongos nasais átonos nos dados do Brasil meridional. Uma análise lingüística com base na interação de restrições, como a da Teoria da Otimidade (Prince & Smolensky 1993; McCarthy & Prince 1993), poderia mostrar que, na frase, a eliminação da nasal de input viabiliza a ressilabação e o preenchimento do onset vazio no início da palavra seguinte, condição aparentemente desejável no português brasileiro. É caminho para estudo futuro.

## Referências Bibliográficas

- BATTISTI, Elisa. (1997) *A nasalização no português brasileiro e a redução dos ditongos nasais átonos: uma abordagem baseada em restrições*. Porto Alegre. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) - Instituto de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- BISOL, Leda. (1989) O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v.5, n.2. p. 185-224.
- \_\_\_\_\_. (1996). O sândi e a ressilabação. *Letras de hoje*, n.104. p.159-168.

- CAGLIARI, Luiz Carlos. (1997). *An experimental study of nasality with particular reference to Brazilian Portuguese*. Edimburgo. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística, Universidade de Edimburgo.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. (1953) *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- \_\_\_\_\_. (1977). *Estrutura da língua portuguesa*. 8.ed. Petrópolis : Vozes.
- \_\_\_\_\_. (1984). *Problemas de lingüística descritiva*. 11.ed. Petrópolis: Vozes.
- CEDERGREN, Henrietta & SANKOFF, David. (1974) Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. *Language* 50, p.333-355.
- GUY, Gregory Riordan. (1981) *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax and language history*. Pennsylvania. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade da Pennsylvania.
- LABOV, William. (1972) Language in the inner city: studies in the black English vernacular. *Conduct and communication*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. n.3.
- LOPEZ, Barbara S. (1979) *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*. Los Angeles. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade da Califórnia em Los Angeles.
- McCARTHY, John & PRINCE, Alan. (1986) *Prosodic morphology*. (não-publicado) Waltman, Mass.: Brandeis University.
- MATEUS, Maria Helena Mira. (1975) *Aspectos da fonologia portuguesa*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- MORAIS-BARBOSA, Jorge. (1962) Les voyelles nasales portugaises: interprétation phonologique. In: *Proceedings of the fourth international congress of phonetic sciences* (4-9 Setembro 1961). Haia. p.691-709.
- OLIVEIRA E SILVA, Giselle M. de. (1992) Coleta de dados. *Cadernos didáticos FL/UFRJ* -Introdução à sociolingüística variacionista. v.4, un.7, p.101-114.
- PAIVA, M. da C. (1992) Sexo. *Cadernos didáticos UFRJ* - Introdução à sociolingüística variacionista. v.4, un.7.
- PARKINSON, Stephen. (1983) Portuguese nasal vowels as phonological diphthongs. *Lingua* 61. p.157-177.
- PRINCE, Alan & SMOLENSKY, Paul. (1993) *Optimality theory: constraint interaction in generative grammar*. (não-publicado) New Brunswick/Boulder: Universidade de Rutgers e Universidade do Colorado.
- SACIUK, Bohdan. Some basic rules of Portuguese phonology. In: SADOCK, J.M. & VANEK, A.L. (editores) (1970). *Studies presented to Robert B. Lee by his students*. Champaign: Linguistic Research Inc. p. 197-222.
- SCHERRE, M.M.P. et alii. (1992) *Programas VARBRUL* -dicas para o uso do computador. (mimeo) UFRJ.
- TLÁSKAL, Jeromír. (1980) Remarques sur les voyelles nasales en portugais. *Zeitschrift für Phonetik* 33. p.562-570.
- VOTRE, Sebastião Josué. (1978) *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- WETZELS, W.Leo. (1997) The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, fev., p. 01-34. (versão pré-final).